

## Autoconsciência: o cérebro sabe que sabe?

Marcos Delson da Silveira<sup>96</sup>

### Resumo

Fundamentado no método bibliográfico, este artigo sustenta a fisicalidade da mente humana arguindo a inexistência desta sem a parte física, ou seja, material que lhe possibilita existir. Não obstante, sustenta a hipótese hilemórfica de que a mente e a alma são conceitos distintos que se referem a coisas diferentes, configurando o ser humano como unidade substancial. No que se refere à autoconsciência, o presente escrito, com o intuito de conduzir a consciência ao campo das ciências, sustenta a existência da “consciência pura” e da “consciência de segundo plano”. Esse trabalho, embora percorra caminhos distantes dos da filosofia da mente, se justifica historicamente como um exercício de reflexão e, simultaneamente, filosoficamente se justifica como um meio de dar voz à filosofia aristotélica.

**Palavras-chave:** Fisicalidade, mente humana, alma, consciência pura, consciência de segundo plano.

### Abstract

Based on the bibliographic method, this article supports the physicality of the human mind, arguing its inexistence without the physical part, that is, the material that allows it to exist. Nevertheless, it supports the hylomorphic hypothesis that the mind and the soul are distinct concepts that refer to different things, configuring the human being as a substantial unit. With regard to self-awareness, the present writing, with the aim of leading consciousness to the field of science, supports the existence of “pure consciousness” and “background consciousness”. This work, although it follows paths far from the philosophy of mind, is historically justified as an exercise in reflection and, simultaneously, philosophically justified as a means of giving voice to Aristotelian philosophy.

**Keywords:** Physicality, human mind, soul, pure consciousness, background consciousness

---

<sup>96</sup> Professor de Filosofia da Rede Pública em Goiás. Mestre em História. Licenciado em Filosofia. Pós-graduado em Docência Universitária; Filosofia do Direito; Direitos Humanos da Criança e do Adolescente e em Filosofia clínica. Email: inrimds@gmail.com

## Introdução

Na recente história da Filosofia da mente reverberam-se algumas teorias, entre elas, o dualismo de substâncias – teorizando a separação entre corpo (*res extensa*) e mente (*res cogitans*) – o dualismo de propriedades – que, diferente do de substâncias, observa a mente como um problema linguístico ou observa a existência de uma propriedade especial na “emergência” mental – e as teorias materialistas – que com suas muitas ramificações abrange desde as teorias da identidade às teorias reducionistas, que, *grosso modo*, sustentam que os estados mentais são idênticos aos estados cerebrais ou reduzem-se a esses.

Neste artigo fundamenta-se, retirando alguns dados da Neurociência, a fisicalidade da mente humana, derivando desse ponto a hipótese de que corpo-mente são físicos, mas mente e alma são conceitos distintos que designam realidades diferentes. Trabalhando a ideia de alma em uma perspectiva hilemórfica, portanto metafísica, buscou-se dar voz a filosofia aristotélica silenciada neste debate. Justifica-se este trabalho como um exercício de reflexão distante dos rumos vividos pelos filósofos que se debruçam sobre esse assunto milenar na vertente contemporânea.

Portanto, especifica-se que este escrito sustenta a visão de unidade substancial do ser humano, descaracterizando-se do dualismo de substâncias ou do dualismo de propriedades, e mesmo distanciando-se do materialismo reducionistas ou de identidades. Assim, a autoconsciência é conjecturada neste paradigma das ciências da Antiguidade, e para retirar a redundância do trabalho, dando-lhe um ar de algo novo, dividiu-se a argumentação sobre a autoconsciência em “consciência pura” e “consciência de segundo plano,” com o intuito de que o estudo da consciência se encaixasse na visão científica contemporânea.

Sendo assim, enfatiza-se que este é um artigo fundamentado em pesquisas bibliográficas. Espera-se que sirva como subsídio para futuras pesquisas relacionadas à Filosofia da mente na Antiguidade e, assim como um Museu, sirva para reviver as reflexões que conotam as experiências imagéticas de vida de um povo em um contexto social diferente do de hoje em dia e, simultaneamente, sirva para inspirar futuras pesquisas que venham a contribuir com o crescimento histórico do pesquisador/leitor.

### 1- A fisicalidade da mente humana

Contemporaneamente é possível observar a atividade elétrica do cérebro de um ser humano quando este pensa, chora ou se recorda de algo. Essa insigne possibilidade hodierna

ampliou o leque de conhecimentos da neurociência contribuindo significativamente para o avanço impressionante dessa ciência nos últimos anos. A ciência do cérebro alcançou um estágio tal que por intermédio de técnicas de imageamento cerebral tem-se a compreensão orgânica de alguns aspectos mais sofisticados da psicologia humana.

Evidentemente esses estudos tiveram impacto direto na compreensão filosófica sobre a mente humana, tornando posições como a dualista de substâncias infundamentadas. O uso de técnicas de imageamento cerebral foi decisivo para fundamentar a hipótese materialista de que a mente humana é física. A fisicalidade da mente humana era exequível, uma vez que é perceptível pelo senso comum que um distúrbio orgânico altera a mente. Todavia, com os desenvolvimentos recentes tornou-se evidente e cientificamente fundamentada a fisicalidade da mente. Segundo os resultados oriundos da neurociência:

O Sistema Nervoso é o sistema que sente, que pensa e que controla em nosso organismo. Para realizar essas funções, ele reúne as informações sensoriais vindas de todas as partes do corpo [...] e as transmite, pelos nervos, para a medula espinhal e para o encéfalo [...]. O encéfalo é a principal área integradora do sistema nervoso – o local onde são armazenadas as memórias, onde são elaborados os pensamentos, onde são geradas as emoções e onde outras funções, relacionadas ao nosso psiquismo e ao complexo controle de nosso corpo, são executadas (GUYTON, 1999, p. 99)

Esclarecendo um dado imediato: a mente não é o cérebro, mas não existe mente no ser humano sem este órgão. Afirmar categoricamente que a mente é o cérebro reduzindo-a a este órgão promove uma frieza, um mal-estar justificável, uma vez que a claridade que emerge da lâmpada não é a lâmpada.

Diante os recentes estudos da neurociência, afirmar a existência de um dualismo corporeamente é insustentável. A sensação, a percepção, a linguagem, o pensamento, a memória, a emoção e outras atividades que em conjunto compõem aquilo que chamamos de mente é, de certa forma, tangível ao observador utilizando-se das novas tecnologias oriundas da ciência do cérebro. Segundo Moraes (2009, p. 12):

Ao revelar como as diversas funções agem de forma conjunta, o imageamento também nos dá uma amostra de alguns dos aspectos mais sofisticados da psicologia humana. Por exemplo, ao observar o cérebro de uma pessoa tomando uma decisão, vemos que aparentemente as decisões emocionais são conduzidas pelo cérebro emocional. O imageamento do cérebro de grandes jogadores de xadrez mostra por que a perícia depende da prática. A observação do cérebro de uma pessoa vendo uma expressão de medo mostra que a emoção é contagiante.

Não obstante, neste tópico sobre a mente humana, percebe-se um problema conceitual na Filosofia da mente: a alma racional e a mente não são a mesma coisa. Há um preconceito platônico-cartesiano, quando se fala alma associa-se ao dualismo de Platão ou a *res cogitans* de René Descartes, valorizando de forma romântica, um tanto quanto positivista, a

ciência do cérebro. A ciência não é a única explicação válida da realidade, ela é uma das explicações válidas da realidade. A ciência não alcança a causa última da realidade.

Se a alma não é a mente, o que é então? A alma é intangível, o que observamos são os seres que por meio dela latejam. O cérebro por si só não tem vida, o que lhe proporciona vida e, portanto, movimento – que possibilita a mente – é a presença de uma alma que, diferente dos dualistas, com o corpo compõem uma unidade substancial. A alma é o princípio vital do cérebro e de todo o organismo, por isso se diz este está animado (alma – *anima* – movimento). O cérebro por si só não tem vida, e a alma racional por si só não pode realizar nenhuma atividade, uma vez que depende da matéria (corpo) extrinsecamente para se encontrar com qualquer objeto. Neste sentido, segundo Mondim (1977, p. 281):

Entre corpo e alma há uma união profunda, tão profunda que em todas as operações do homem há sempre uma contribuição tanto do corpo quanto da alma [...]. O homem é uma substância [...] a sua substancialidade não coincide nem com a alma nem com o corpo [...]. O corpo em si mesmo não é uma substância, porque não tem um próprio ato de ser, não é autossuficiente, não é subsistente. E que nem mesmo a alma, também sendo dotada de uma substancialidade é configurada de modo tal que possa constituir um ente autônomo, porque também para realizar as atividades que lhe são próprias, pelo menos inicialmente, ela tem necessidade da contribuição do corpo [...]. Corpo e alma formam uma única substância: eles têm um único ato de ser, o da alma, dele se torna participante também o corpo no momento da sua geração.

Aqui, como perceptível, não sustentamos um dualismo, mas enfatizamos a unidade substancial entre corpo e alma. É uma unidade profunda e indispensável à vida humana. Segundo Regis Jolivet (2001; p. 116):

A vida é uma realidade muito simples para que a possamos definir. Pode-se, apenas, descrevê-la em sua manifestação pelo movimento espontâneo e imanente, quer dizer, por um movimento que o ser vivo produz por si mesmo, por seus próprios recursos e que tem seu termo imediato no próprio ser vivo — movimento aqui, não apenas no sentido de movimento local, mas de toda passagem da potência ao ato e mesmo de toda operação. Assim, o ser vivo se move, enquanto que o não-vivente é movido.

Tudo que se move de forma imanente precisa de outro ser no exercício de sua atividade. O movimento do ser vivo não é mecânico, de fora para dentro, mas é do próprio princípio vital dentro do organismo, daí ser imanente. Esse movimento imanente é promovido pela alma, uma vez que a matéria por si só não tem vida e carece dos recursos próprios para tal. A matéria-prima não tem forma, ela é potência por sua plasticidade intrínseca, potência pura, não ser, mas princípio de ser. A forma substancial é ato. Neste sentido, a alma é ato primeiro da matéria corporal (matéria segunda) que tem a vida em potência. A união da matéria com a forma compõe uma unidade essencial, quer dizer, neste caso, uma pessoa humana. O homem composto de corpo e alma é uma unidade. Sem sombras de dúvidas, o homem não é sem a sua alma. Se não existisse a alma, como a atividade elétrica se converteria em experiência consciente? Ademais,

e a autoconsciência, o cérebro sabe que sabe? Como é possível o cérebro dobrar-se sobre si mesmo explicando-se como vida autoconsciente? Esse é o espectro que ronda a Filosofia da mente.

Uma vez especificada que a mente é física, e que mente e alma não são a mesma coisa, adentraremos no próximo tópico no calcanhar de Aquiles da Filosofia da Mente: a consciência. Buscaremos expor algumas reflexões de cunho próprio e inspiração hilemórfica sobre a possibilidade da existência de duas formas de consciências: uma “consciência pura” e a outra, como resultado das condições orgânicas, chamada, neste escrito, de “consciência de segundo plano”.

## 2- A CONSCIÊNCIA PURA E A CONSCIÊNCIA DE SEGUNDO PLANO

Segundo Moraes (2009, p. 06):

Em meio aos 86 bilhões de neurônios do nosso cérebro, há os que regulam a respiração, a frequência cardíaca e a pressão arterial; outros controlam a fome, a sede, o apetite sexual e o ciclo do sono. Além disso, o cérebro gera as emoções, percepções e pensamentos que guiam o nosso comportamento, dirigindo e executando nossas ações. Por fim, ele é responsável pela consciência da própria mente.

Entende-se aqui que compreender filosoficamente a consciência não é um problema imediato da neurociência, porém, certamente é uma questão indispensável à Filosofia da mente. Um dado de fato é que uma lesão na porção inferior do córtex frontal esquerdo, como salientou o médico Paul Broca no caso do paciente “Tan” em 1861, poderá afetar a capacidade de falar de uma pessoa, mas qual é a área (ou áreas) do cérebro responsável pela autoconsciência?

Por isso, a princípio, acredita-se que afirmar ser a consciência produto da soma de certas atividades cerebrais promove um reducionismo afásico, de poucas palavras que consigam traduzir na linguagem da neurociência o processo de autoconsciência típica da racionalidade humana; em contrapartida, afirmar ser a consciência análoga à alma não a desvirtua do campo de investigação científica, uma vez que a consciência é a consciência de algo. Este “algo” consciente percorre um caminho nos labirintos cognitivos até tornar-se consciente, o que aqui chamaremos de “consciência de segundo plano”. Segundo Teixeira (2000, p. 72-4):

[...] os neurônios têm diferentes tipos de ramificações, os dendritos e os axônios [...]. Neurônios geram corrente elétrica; os dendritos funcionam como [...] uma espécie de porto no qual são desembarcados vários tipos de mercadorias procedentes de diversos lugares. As mercadorias chegam e são despachadas; quando isso acontece, o sinal que chegou no dendrito é passado para o neurônio que, dependendo da intensidade desse sinal, pode gerar ou não um novo sinal que é reenviado através do axônio. Os axônios levam então o sinal elétrico para um outro neurônio que pode estar próximo ou distante no circuito, estabelecendo o que se chama comunicação neuronal [...]. Quando um potencial de ação, ou seja, um sinal elétrico, chega ao terminal de um axônio, uma substância é liberada: a acetilcolina. A acetilcolina fica em pequenas

bolsas no axônio e quando chega um potencial de ação, esse sinaliza que essas bolsas devem ser abertas e essa substância ser liberada. O sinal elétrico é transformado num sinal químico: quanto maior a intensidade do potencial de ação, mais bolsas de acetilcolina são abertas. A acetilcolina atravessa a sinapse rapidamente, mas, para que a comunicação entre os neurônios se estabeleça, é preciso que o sinal químico seja transformado novamente em sinal elétrico. Para que isto ocorra é preciso, por sua vez, que o neurotransmissor encontre, no neurônio seguinte do circuito, proteínas especiais chamadas de receptores. A presença de receptores em outros neurônios indica o caminho que os transmissores (ou neurotransmissores) devem seguir e quais os neurônios seguintes com os quais a comunicação deve ser estabelecida. Esse processo é descrito como *lock and key* ou chave e fechadura: transmissores “procuram” receptores nesse processo de comunicação química e elétrica entre os neurônios bilhões deles e as sinapses que compõem nosso cérebro. A transmissão química, muito mais complexa e lenta do que seria a transmissão elétrica pura e simples a partir de circuitos fixos, dota nosso cérebro de uma enorme versatilidade: há vários tipos de transmissores que podem ser liberados em dosagens diferentes, o que permite uma grande variação na comunicação neuronal que pode ser estabelecida num determinado momento. Quando o neurotransmissor se liga ao receptor do neurônio seguinte, ativa uma série de processos no interior desse. Ativam-se mensageiros que podem ordenar que se abram canais para que a troca de cargas ocorra ou podem ir até o núcleo celular, onde estão genes que podem ser ativados para formar novos receptores na parede do neurônio. Os receptores da parede do neurônio são constantemente trocados, estando sujeitos às ordens dos genes de cada neurônio e essas ordens estão sujeitas, por sua vez, ao tipo de influência que os mensageiros exercem sobre eles.

Esse longo excerto retirado do livro de João de Fernandes Teixeira descreve uma série de processos físico-químicos inevitavelmente responsáveis por nossa vida mental. Isso é fato. Porém, simultaneamente, esse longo caminho descrito no excerto não diz nada sobre a vida mental de uma pessoa. Quando um indivíduo fecha os olhos e recita um poema isto é possível em virtude da memória (parte do cérebro), mas, simultaneamente, se alguém observar o cérebro de uma pessoa ao recitar um poema aquela imagem não lhe dirá nada.

Se a mente humana é um composto daquilo que acontece no ambiente circundante ao organismo, talvez a consciência não seja uma área do cérebro, talvez seja resultado de um todo, de um movimento vital no organismo. Talvez a “consciência em si” não seja objeto das ciências empíricas, mas a consciência do objeto, sim. Entendendo essa consciência, como exposto acima, “em segundo plano”, isto é, o caminho percorrido pelo objeto até a consciência que o projeta no ato de conhecimento. Sem a consciência não há conhecimento. É a consciência que possibilita dar sentidos ao conhecido. O objeto poderá percorrer todo o caminho orgânico do conhecimento, mas inconsciente não tem significado de ser. É como algo que vemos e não percebemos, o que não percebemos não gera conhecimentos. Sem as funções corporais não há conhecimento, mas sem consciência também não. A consciência é o último estágio do saber. É a consciência que dá forma aos impulsos sensoriais, significando-os.

Immanuel Kant quando se debruçou sobre a questão epistemológica relacionada ao sujeito e ao objeto percebeu a correlação entre as partes, porém deu ênfase ao sujeito *apriori*.

O mundo fornece a matéria do conhecimento e o sujeito fornece a forma. O sujeito abstrai os dados da realidade dando sentidos aos mesmos quando chegam desordenados ao intelecto. Usando linguagem contemporânea, é o cérebro que organiza os dados no espaço e no tempo.

Para Kant a ação do sujeito está relacionada às duas faculdades da intuição: a sensibilidade e o entendimento.

A capacidade de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos denomina-se *sensibilidade*. Portanto, pela sensibilidade nos são dado objetos e apenas ela nos fornece intuições; pelo entendimento, em vez, os objetos são pensados e dele se originam os conceitos. Todo pensamento, contudo, quer diretamente, quer por rodeios, através de certas características, finalmente tem de referir-se a intuições, por conseguinte em nós à sensibilidade, pois de outro modo nenhum objeto pode ser-nos dado (KANT, 2000, p. 71).

Observe que para Kant existe uma capacidade abstrativa e outra reflexiva, ou, no jargão aristotélico, um intelecto agente e um intelecto passivo. Após a intuição, como meio de organizar aquilo que é dado pela experiência, são necessárias as formas da intuição e do entendimento – o espaço e o tempo – e as categorias são utilizadas pelo entendimento para organizar a experiência que é dada de forma desorganizada.

O organismo entra em contato com o mundo, percebe o mundo a sua volta abstraíndo-o. Esse ato de abstrair possibilita retirar da matéria a sua forma, trazendo-a ao intelecto. O primeiro fantasma que se tem do objeto (imagem) é sensível, é fruto dessa “segunda consciência” e, portanto, está direcionada ao organismo. Assim, pelo organismo temos uma imagem sensível do objeto. Após a abstração da forma gera-se uma ideia, esta é a representação intelectual da imagem sensível. O contato do ser material animado com o ser material inanimado gera uma imagem material. O contato instantâneo dessa imagem sensível no intelecto gera a ideia, que é uma capacidade espiritual do ser do homem, é instantâneo porque não há separação entre corpo-mente e alma, o homem é uma unidade essencial. Enquanto matéria animada é potência abstrativa, mas enquanto animação da matéria é ato que dá vida reflexiva ao cérebro humano.

Não se conhece a “consciência pura” (a consciência em si), só se conhece a “consciência em segundo plano” (fenômeno), mas é possível deduzir a existência metafísica de um composto espiritual para além de toda orquestra produzida pelo cérebro humano em conjunto com o organismo circundado pelo meio ambiente. Este composto de características espirituais é chamado, neste artigo, de potência do corpo animado por uma alma.

No intelecto a “consciência pura” é intencional, no sentido de que capta o objeto dando-lhe forma potencial. É neste sentido que a consciência é consciência de alguma coisa. O objeto é potência, no sentido de que é capaz de ser captado pela consciência garantindo-lhe uma forma

no intelecto. A forma é a concretização das operações da consciência na matéria. A consciência existe por conta própria, ao passo que o objeto existe no intelecto por abstração oriunda dos órgãos dos sentidos, mas a “consciência pura” é não-ser, no sentido de ser potência do ato espiritual.

### **Conclusão**

Embora a defesa da existência de uma alma racional no ser humano possa erguer arrepios em certas abordagens dos Centros Acadêmicos relacionadas à Filosofia da mente, neste escrito, a defesa da unidade substancial da pessoa humana se sustenta em posição filosófica, e não puramente religiosa. A ação mental tem características de infinitude e alteridade. Na primeira característica, a mente está aberta ao todo, se o ser do homem fosse puramente físico, a ação mental seria finita. Infinitude aqui está relacionada à ideia de imensurável e não de espírito. Já, na alteridade, a mente humana capta a realidade em suas disposições orgânicas, mas também busca a realidade em si mesma, em sua alteridade. Em sua necessidade orgânica o homem bebe a água, mas em sua necessidade mental ele estuda a água como H<sub>2</sub>O. Esse estudo químico da água é uma necessidade da inteligência. Esse exercício de reflexão elaborado neste escrito demonstra que entender a alma como ato primeiro de um corpo que tem a vida em potência possibilita certa abertura metafísica ao campo de estudos da Filosofia da mente, porém descaracteriza a tendência unívoca dessa disciplina que caminha conforme o leque posto pelas ciências empíricas.

Observa-se, porém, que em sua fisicalidade a mente humana é possível e são esses dados filosóficos [infinitude, alteridade...] que suscitarão a necessidade de elaborar uma linguagem neurocientífica para explicar o que a filosofia supõe e explica em sua linguagem metafísica. Se a mente é física, a ação mental também é física. O que tange a autoconsciência, o saber que sabe, ela é um fenômeno presente no ser do homem que carece de explicações. Neste escrito entende-se a autoconsciência como uma característica espiritual da pessoa humana, unidade substancial.

### **REFERÊNCIAS**

- GUYTON, Arthur C. *Fisiologia Humana*. São Paulo: Guanabara, 1999
- JOLIVET, Regis. *Curso de Filosofia*. São Paulo: agir, 20<sup>a</sup> ed, 2001
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova cultura. 2000



MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulinas, 4ª ed, 1997

MORAES, Alberto P. Q. de. *O livro do cérebro* vl. 01. São Paulo: Duetto, 2009

REALE, Reale; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Media*. São Paulo: Paulus, 5ª ed, 1990

SELVAGGI, Filippo. *Filosofia do Mundo: cosmologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1988

SILVEIRA, Marcos Delson da; ANDRADE, Mônica. Anjos. R. *Fontes do Conhecimento: racionalismo, empirismo e apriorismo*. Revista inquietude. V. 12, n. 02. 2021. Disponível em: << <https://sites.google.com/view/revistainquietude/edi%C3%A7%C3%B5es/2021-v-12-n-2>>> Acessado em 07 Jan. 2023.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Mente, cérebro e cognição*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed, 2000